

(para uma conferência).

rosto, diante a tentativa de evocar o mundo da religião dos gregos, deparei-me com dificuldades exatamente opostas às que experimentei na semana passada. A religião grega como fenomeno social deixou de existir há dois mil anos, e como força viva, isto é como conjunto de crenças realmente aceitas, provavelmente há dois mil e quinhentos anos. Portanto a avenida empirica de acesso aos gregos por observação direta é nos vedada. Nunca existiu uma literatura oficial, uma escrita sagrada, cujo estudo, comparavel ao estudo do testamento antigo ou do Talmud, revelaria os postulados da fé grega. Muito pelo contrario, a ausência de tais escrituras e a flutuação consequente das crenças e dos ritos, é característico para a religião dos gregos. Nesta, portanto, o método introspectivo, pois dentro do nosso subconsciente se esconde uma camada correspondente aos gregos tanto quanto uma camada judia. E resta o método de inferencia logica, pelo qual as diferentes ideias que regem a filosofia, a arte e a politica dos gregos e romanos são reduzidas às suas bases religiosas. E restam, por fim, os métodos da arqueologia.

Até bem pouco tempo, a atitude do cidadão "classicamente" educado em face dos antigos gregos era caracterizada por uns poucos preconceitos bem definidos: Os gregos eram um povo racional e artistico, que, como que por milagre, criou ~~uma~~ numa cidade do tamanho de Jundiaí, e durante aproximadamente 150 anos, a filosofia, a arte e a ciência que formam a base da civilização européia. Essa atitude ingênua, que pode ser definida ~~de~~ como atitude de adoração pela época de Pericles, está sendo abandonada. Estudos filológicos, criticos, arqueológicos etc., estão revelando as bases do pensamento grego. O milagre de Atenas se torna menos milagroso, os gregos aparecem menos racionalistas, e está surgindo das brumas da prehistoria grega, a religião dos gregos, chão fértil do qual brotou orgânicamente a civilização helênica e consequentemente a nossa. Quero resumir, em poucas palavras, aquilo que sei daquele complexo de conceitos, crenças e ritos, para depois, como o fiz no caso dos judeus, tentar analisar do ponto de vista introspectivo a influencia desses complexo sobre o pensamento moderno.

A religião dos gregos é tão pouco primordial quanto a religião dos judeus. Quando as tribus helênicas invadiram a Grecia, vindas, talvez, das estepes do Volga, talvez das planicies entre o Syr-Daria e Amu-Daria, trouxeram consigo crenças religiosas que são comuns aos povos chamados indo-germanicos, e têm portanto relação intima com as visões religiosas dos richis das vedas. Encontraram, no solo da Grecia e da Asia Menor, crenças religiosas fundadas no conceito da Grande Mãe Demeter-Astarte-Ishtar-Isis tão fundamentais para o oriente Mediterraneo. Foram expostos a influencias religiosas poderosas dos seus visinhos do norte, os thracos e os frigios, das antiquissimas religiões dos persas, dos mesopotamios e dos egipcios, e talvez, quem sabe, até pelo fenomeno inquietante da experiencia religiosa judia. A sintese dessas tendencias heterochtonas nunca foi conseguida pela religião dos gregos, que nunca se tornou um organismo fechado, uma igreja, a sintese sómente foi alcançada na mente dos filosofos gregos. Pelo menos duas tendencias devem ser sempre distinguidas no conjunto das concepções religiosas dos gregos, a corrente orfica e a corrente olimpica, a dionisica e apolinica, a hermetica e a atenica, a panica e a jovial, ou qualquer que seja o nome que queremos dar aos dois aspectos da alma grega. (os dois ultimos pares são minha invenção pessoal, portanto não os utilizem). Eu vou portanto ter que fazer dois esboços distintos. No entanto é preciso ter sempre em mente que esses dois mundos são simultaneos, se interlaçam dentro da sociedade grega e dentro da mente e do espirito de todo cidadão grego. São comparaveis às relações entre a religião catolica e a crença da macumba na sociedade e na alma nortista, cabendo, naturalmente, a religião orfica o papel da macumba. Peço-vos de imaginar que a Bahia produzirá uma civilização comparavel a grega e que dessa civilização surgirá algo parecido com a civilização da Europa, e que, no ano 5000 depois de Cristo alguém tentará falar sobre a religião dos baianos, e terão uma ideia da minha tarefa.

visão através da religião olimpica o mundo é um eterno organismo vivo, uma

superanimal imortal gigantesco. As partes do mundo são órgãos do seu corpo, e os processos dentro do mundo são fases do seu metabolismo. Este organismo cósmico é movido ou move-se por uma lei ao mesmo tempo moral e causal, pela necessidade. Essa lei fixa e predetermina o lugar certo e justo a qualquer parte do mundo: o lugar da pedra é a terra, e por causa disso as pedras caem. O lugar do passaro é o ninho, por causa disso os passaros voam. Quando alguma coisa se desloca do seu lugar no processo do metabolismo cósmico, é reconduzida pela necessidade ao seu lugar original de direito. A isto os gregos chamam a vingança e a inveja dos deuses. O organismo cósmico vive num sentido muito real, ele respira, e o halito cósmico, que penetra tudo, é o pneuma. ^{Tudo} dentro do mundo vive, participa, por assim dizer, da vida geral; tem, como diriam os gregos, a sua sombra viva, a psyche. Dentro de toda a montanha e de todo o rio, de toda a pedra e de toda a árvore se esconde e pode ser descoberta essa psyche, esse deus ou essa ninfa. E além disso existem os deuses olímpicos ^{que} formam, por assim dizer, o cérebro do animal imortal do mundo. Eles regem o mundo e dirigem a sorte de cada parte, ^{assim} como o cérebro rege o corpo. Como o cérebro é determinado pelas leis biológicas, ^{também} assim os deuses no Olimpo são determinados pela lei da necessidade. E como pode haver conflito entre os diversos impulsos nervosos dentro do cérebro, ^{também} assim pode haver conflito entre os deuses. Como cada órgão do corpo é dirigido por uma parte específica do cérebro, assim cada parte do mundo é subordinada à direção de um deus específico; Helios dirige o sol, Poseidon o mar, Hephaistos o fogo. E como qualquer parte do cérebro pode influir em certas circunstâncias sobre o corpo todo, assim qualquer deus pode influir no mundo inteiro. Os deuses são, por assim dizer, as superpsyches, as supersombras do mundo. Cada deus representa, portanto, um aspecto sobre a totalidade do mundo; ele simboliza o mundo inteiro sobre certo aspecto, Airodite representa o mundo sob o prisma da fertilidade e do amor sexual, Atena sob o prisma da razão, Apollo sob o prisma da harmonia, Ares sob o prisma da dialéctica do seu metabolismo. Zeus, o pai dos deuses, é uma tentativa de focalizar esses aspectos sob o sinal da justiça. Em seu conjunto, no pantheon, os deuses representam a força viva do mundo, o seu élan vital, para falar com Bergson. O homem, como parte do mundo, está sujeito à lei da necessidade e à vontade dos deuses. E como organismo ele é uma cópia do mundo, ele é um microcosmos. Portanto ele é de certa forma uma medida para o mundo, (anthropos metron panton) e conhecendo se a si mesmo (gnoti se auton), conhece o mundo. Vista de dentro do homem, a necessidade tem dois aspectos; ela empurra o homem (moira) e ela o puxa (tyche). Entre estas duas forças terríveis, a causalidade e entelechia, existe um estreito espaço, a liberdade humana. A beleza e a tragedia da situação humana reside na tentativa vã e prometeica de alargar o território da liberdade e provocar dessa forma a ira dos deuses. O homem é capaz, graças à sua capacidade racional, isto é graças à sua descoberta da lei da necessidade, de desafiar os deuses, aos quais, por fim, ^{ele rende} sucumbe. No entanto, graças à mesma capacidade, ele pode propiciar os deuses, negociar com eles, entrar em contacto razoável com eles, sacrificar certas coisas para obter vantagens, e nisso reside a piedade. O homem pode, em outras palavras, se rebelar contra a lei da necessidade e perecer, ou pode se submeter ^{razoavelmente} à essa mesma lei e ^{na base dela} conseguir vantagens dos deuses e, ter uma vida agradável. Ele é portanto inferior aos deuses quanto ao poder, mas essa inferioridade é quantitativa, não qualitativa. ^{Ele é} sob certos aspectos superior aos deuses, por poder desafiar o próprio mundo. Mas ~~ele~~ é infinitamente inferior a eles por ser mortal. Quando morre, o corpo volta à economia geral do metabolismo cósmico, e uma sombra daquilo que o homem era, a psyche, é relegada a um mundo pseudoreal, o Hades, aonde passa uma vida semireal em condição humilhante de deusinho inferior indigno do homem. Portanto, o que importa é aproveitar o mundo enquanto a gente vive, e sorver ^{as} ~~as~~ belezas do mundo. Organizar a vida de tal forma que não contrarie a lei da necessidade, e por-se em relação amistosa com os deuses. Nisso reside o que os gregos chamam a virtude. Quem consegue isto é um sábio, o maior dos homens de acordo com os gregos.

Visto através da religião orfica, o mundo é um segredo. Orfeus, um profeta, cantor, sacerdote e talvez rei mais de tres quartos lendario e o qual viveu na Thracia dos bárbaros, desvendou o metodo de rasgar o segredo do mundo. reformando e ampliando a religião dionysíaca, que por sua vez tem ligações intimas com o culto do grande ran, ele proporcionou aos homens os meios de vencer o mundo, tomar contacto com a realidade escondida e alcançar a imortalidade. O mundo, assim como ele aparece aos olhos do não iniciado nos misterios orficos, é um amontoado caótico de forças ameaçadoras, cheio de terror pânico, e cuja finalidade é a morte. ran, o deus horrivel de pés de cabra e barba de bode, esconde-se na penumbra e com sua syrinx de doce harmonia desvia os homens para cairem no abismo. Dionysos, por ser filho de Apollo e de polyhymnia, comprende essa harmonia nefasta e tenta domina-la (reparem na ligação intima com o mundo do Olympos). Nessa tentativa ele é diversas vezes morto e ressuscitado. Ele é o duas vezes nascido (dithyrambos). Com persephone ele gera um filho para que este continue a luta, mas a criança é morta e comida pelos titans, que incorporam o rebento de Dionysos, Zagreus, na sua substância. Os Titans são mortos por um raio, e reduzidos a cinza e dessa surgem os homens. Os homens consistem portanto de uma parte divina e boa (Zagreus) e de uma parte má, a titânica. Precisam portanto passar por um ciclo de reencarnações purificantes (kiklos tés geneseos), para se fundir definitivamente em Dionysos, mas, uma vez reabsorvidos, o processo recomeça, e Dionysos é de novo morto, Zagreus devorado e assim in infinito. ~~Por~~ para quebrar esse ciclo nefasto que Dionysos se encarnou em Orfeus, para que este ensinasse aos homens o caminho de salvação da vida. Orpheus tem o dom magico da musica (sendo descendente de Apollo e das musas), mediante o qual ele vence não sómente a natureza (os animais e até as pedras choram ao ouvir cantalo), mas também as Erynies, a lei da necessidade, que o deixam passar até o hades e desta forma ele vence a propria morte. Do reino da morte ele salva Eurydike, sua mulher, mas a perde por não obedecer certas regras misticas. Dessa forma a lei da necessidade, provisoriamente vencida, triunfa novamente. Voltado ao reino da vida ele despreza todas mulheres pelo amor a Eurydike perdida, e é por elas rasgado e comido. E desta forma o ciclo recomeça a despeito de tudo. Ou talvez as mulheres, por terem comido Orfeus que se sacrificou por elas, são salvas do ciclo. Outra tradição orfica diz que o Amor de Orfeus por Eurydike o salva, que Amor, eros, salva tanto Orfeu como Eurydike. Tudo isto é muito confuso e atesta bem a primitividade e barbaridade deste mundo terrivel e ilustra quais as camadas sociais da Grecia que por ele se entusiasmaram.

Com base nessas crenças, e fundidas ~~se~~ com outras semelhantes, que se relacionaram com Hermes, e Demeter, e Kore, surgiram os misterios gregos, principalmente os misterios eleusínios, nos arredores de Atenas. Dentro desses misterios, esse veu terrivel de aparencias foi rasgado e os iniciados entraram em contacto com a realidade escondida, com o finalmente descoberto, com a theia, a verdade. Não resta duvida, que os paralelos entre essa ordem de ideias e o mundo dos vedas, são evidentes, mas creio que é um perigo exagera-los. O espirito fundamental dos richis é exatamente oposto, como talvez futuramente me esforçarei por demonstrar ~~ante~~ diante de vós. O que se descobre nos misterios é a harmonia fundamental do mundo, uma harmonia mathematicamente concebível, ou em outras palavras, que o mundo é no fundo e a despeito das aparencias, ao mesmo tempo belo e logico, e que a beleza e a logica se fundem. Mas note que este resultado nunca é formulado expressis verbis pelos entusiastas orficos. Sómente pythagoras e mais tarde Platon chegam a essas alturas do espirito humano. O que interessa ás bacchantes não é tanto desvendar os misterios do mundo, mas a união pessoal com o mundo, a interpenetração entre o mundo e o EU, a salvação, a imortalidade. Eles não querem compreender, eles querem viver o segredo do mundo. Isto eles alcançam mediante a omofagia, eis, como o deus vivo. Repetindo o que os titans fizeram com Zagreus, e as mulhe-

res thrakias com Orpheus, eles comom a carne e bebem o sangue do bode, in-
 -carnação de Orfeu, de Dionysios, e, talvez por antithese, de ran, e se tor-
 -nam portanto, mysteriosamente, Deus. Este ato em si, a orgia, os une com
 -o deus, e o resultado, o entusiasmo, incorpore o deus neles. Tudo isto
 -se desenvolve numa atmosfera altamente emocional no sentido espiritual e se-
 -xual da palavra, e numa atmesfera intoxicada, pois o vinho, a dadiwa de Dio-
 -nysos, representa mysteriosamente o sangue do deus. E tudo isto é acompa-
 -nhado por cantos orfeonicos, dividos em coros, em estrofes, simbolisando a
 -estrofe direita, a anastrophe, a libertação, e a estrofe esquerda, a cata-
 -strophe, a cadeia do ciclo. E o sacerdote do meio, que dirige o coro, é
 -misticamente o deus. E tudo isto, a meio escondido, sob os olhares meio
 -derisivos, mas profundamente interessados, dos intelectuais de Atenas, e
 -atrás de portas hermeticamente fechadas, fechadas sob o sinal de nermes.

Receio que a exposição do mundo religioso dos gregos tomou mais tempo do
 que tinha previsto. Sugiro portanto que deixemos a sua analise para a
 semana vindoura. Permitem que dedique o resto do tempo a considerações
 historicas quanto ao temperamento dos gregos. Receio que os gregos que
 lhes mostrei não se enquadram bem naquilo que Vocês aprenderam sobre Pra-
 xiteles, nem Anaximander, nem Sophocles nas suas aulas do curso classico.
 A razão disto é que a maneira pela qual vislumbramos os gregos é mais ca-
 racteristica da nossa civilização do que da deles. A idade media via nos
 gregos o povo pagão, dedicado ao culto do diabo, entre os quais, inexplica-
 velmente, surgiu Aristoteles, que sabia tudo sobre o mundo. Os gregos eram
 uma quantité négligeable, salvo Aristoteles que era a summa filosofica, a
 ultima e definitiva palavra sobre o mundo profano. No renascimento surgiram
 os gregos do helenismo e Platon. Como por encanto eles se transformarem em
 mestres das artes plasticas e da arquitetura do mundo. Eles eram os possui-
 dores do todos os canones da beleza, e tudo ao qual a Europa podia aspirar
 era de copia-los. E quanto a Platon, era ele um precursor do cristianismo,
 por assim dizer um reformador evangelico antes de Cristo. Durante o classi-
 cismo foram descobertos os gregos de Pericles, especialmente o teatro e a
 escultura chamada classica. Os gregos se tornaram os paradeigmata da seve-
 ridade artistica, da beleza racional antisentimental, e a Europa saiu, nas
 palavras de Goethe, procurando o peiz dos gregos com a alma. Mas não sómen-
 te a alma procurou os gregos, também os modistas. As damas do Empire se
 vestiam como imaginavam que Aspasia, ou talvez Xantippe, se vestiam. Veio
 a romantica e os gregos se tornaram pequenos burguezes totalmente desprezi-
 veis. Eram eles culpados pela situação nojenta e cinzenta da Europa. Era
 preciso fugir dos gregos e re-encontrar a verdadeira alma nas fontes germa-
 nicas da Europa, ou no silencio escuro das igrejas, ou na India fabulosa,
 ou entre os bravos selvagens do Oeste americano. O fim do seculo 19 des-
 cobriu os pre-Socraticos e a tendencia empirica dos gregos. Eram eles os
 verdadeiros cientistas, os fundadores do abençoado progresso da Europa. Era
 preciso inspirar-se na exactidão scientifica dos primeiros pensadores jonicos,
 era preciso reconquistar a onestidade intelctual dos gregos. Vejam que re-
 volução na apreciação dos gregos estamos sofrendo atualmente. Heidegger diz
 que somos uma conversação com os gregos, e quando ele diz isto, ele não pensa
 em Aristoteles ou Arquimedes, em Praxiteles ou em Aristophanes, mas pensa
 naquilo que Parmenides, Heraclito, Thales já tinham esquecido, ou vagamente
 invocaram, pensa na ontologia escondida dos gregos. O que ele procura quan-
 do levanta o brado agora comum : "Voltar aos gregos", é a sabedoria escondida
 na lingua grega, em palavras como hyle ou morphe, eidos ou logos, on e sophia,
 ele procura a face orfica dos gregos. O nosso tempo, tendo despertado do so-
 no antireligioso do seculo 18 e 19 procura na Grecia o que ele perdeu, a con-
 cepção religiosa do mundo. E vejam só, esse povo incrível efetivamente a for-
 nece. Tudo podia a Europe esperar dos gregos, a inspiração na arte, na cian-
 cia, na filosofia, menos uma inspiração religiosa. pois não era sabido que
 os gregos, longe de propagar a sua religião, aceitavam indiscriminademente, as
 religiões dos outros? E vejam só, agora a Europa começa a admirar a religião
 dos gregos. Com este paradoxo quero encerrar esta palestra.